

Literatura e Retórica na Antiguidade Clássica

O Dossiê *Literatura e Retórica na Antiguidade Clássicas* congrega uma série de artigos que possuem por temática principal as relações entre retórica e literatura. Essa divisão, que consideramos como ponto de partida neste dossiê, não é tão clara e estável quanto se pode ponderar ao se recorrer a uma imagem de fronteira com limites precisos. Estes são tão móveis que não se poderia nem mesmo falar em fronteiras, mas em espaços compartilhados. É certo também que esse problema territorial nunca exigiu uma diplomacia entre elas. A consciência da literatura e a da arte retórica se desenvolveram na antiguidade quase simultaneamente.

Para ilustrar essa perspectiva, se partirmos de Homero, nosso representante literário mais antigo, fica evidente que uma preocupação oratória estava presente não só em suas obras, como se pode verificar na fala de suas personagens, altamente persuasivas, mas, também, até na construção de sua própria obra, em que boa parte dos versos compostos são discursos de personagens. A performance discursiva de seus heróis constituía uma parte importante da educação deste guerreiro (*Ilíada IX*, 442). Assim, ao ilustrar uma vida de constantes combates e assembleias desses heróis, Homero nos legou os primeiros elementos discursivos de que temos notícia na Grécia Arcaica. Nesse sentido, não há dúvidas de que a retórica foi cristalizada a partir da reunião dessas ocorrências oratórias em tratados específicos. Não seria absurdo, portanto, afirmar que esses mesmos efeitos oratórios que nada mais almejavam do que persuadir, contribuíram tanto para a estilização dos diálogos na literatura quanto para o nascimento da retórica grega.

Além da poesia épica, os demais gêneros poéticos arcaicos, bem como a história e o teatro, também se utilizaram amplamente de discursos em suas composições. A consciência discursiva a que chega a literatura grega produz na audiência coetânea dessas obras não a atualização do mito, já que este é quase sempre respeitado com pequenas variações, mas o reconhecimento de suas próprias questões contemporâneas por meio da atualização do discurso da personagem. Ou seja, as obras se atualizavam não pelo mito em si, mas pelo *lógos* constantemente renovado.

A formalização da oratória, que produz a retórica, e a análise de obras literárias, que produz a poética, dão início a duas divisões teóricas que não estão de todo dissociadas. É inegável, porém, que com o avanço da democracia em Atenas tanto o teatro quanto o tribunal tornaram-se espaços de expressão retórica. Na tragédia, Aristóteles já aponta para a mudança

nos discursos das personagens trágicas: “isto é, a capacidade em dizer coisas pertinentes e apropriadas, o que, nos discursos, é tarefa da política e da retórica. Pois os poetas antigos criavam personagens que se expressavam de modo político; os de hoje, de modo retórico.”¹

Longe de se tornar um problema de expressão, isso nunca configurou de fato uma censura aos poetas, talvez fosse até a condição de possibilidade de envolver uma audiência extremamente politizada, como a ateniense do século IV. O inverso também é atestado. Na *Retórica* de Aristóteles, por exemplo, dois dos autores mais citados não são oradores, mas poetas: Homero aparece trinta e sete vezes, e Eurípides é mencionado em dezoito momentos. Assim, no Período Clássico, parece ter sido uma prática comum tomar como exemplos retóricos passagens de poetas. Mais ainda, alguns exercícios retóricos eram totalmente baseados no mito tradicional dos gregos. Górgias, muito antes de Aristóteles, escreve modelos de discursos epidícticos sobre eventos extraídos do ciclo épico.

Esta comutação de elementos teóricos parece ter se intensificado ainda mais à medida em que esses elementos passam a ter definições claras. Para alguns autores modernos, essa influência foi tão grande que cunharam um termo específico para descrevê-la, a “littérisation” da retórica. Neste sentido, já se poderia também apontar uma “rhetorisation” da literatura. Para Laurent Pernot (2000: 257):

Esse fenômeno existiu ao longo de toda Antiguidade, mas se tornou particularmente agudo sob o Império. À época imperial, tem-se a impressão de que a retórica está em toda parte e que ela aumenta seu alcance, a ponto de imprimir uma marca muito sensível, no fundo e na forma, sobre os gêneros literários exteriores a ela.

Destaca-se desta afirmação, a complexa relação entre literatura e retórica nos períodos subsequentes à Grécia Clássica. Em pleno Império Romano, retórica e literatura terminam por se fundir quase completamente. Mas essa fusão não deve ser vista como algo fora do comum, é preciso observar sobretudo que o sistema educacional já havia incorporado a retórica como uma disciplina. Será esse mesmo sistema, replicado durante a Idade Média, que permitirá à retórica se desenvolver ao longo da história do ocidente como uma das disciplinas mais estudadas até seu declínio na Modernidade. Não devemos esquecer que, para sobreviver a tão longo período, a sua estrutura formal muito contribui para isso. Paralelamente, a evolução da literatura é outro fator que também deve ser levado em conta neste período. A novidade em termos

¹ Tradução nossa do excerto: τοῦτο δὲ ἐστὶν τὸ λέγειν δύνασθαι τὰ ἐνόντα καὶ τὰ ἀρμόττοντα, ὅπερ ἐπὶ τῶν λόγων τῆς πολιτικῆς καὶ ῥητορικῆς ἔργον ἐστίν· οἱ μὲν γὰρ ἀρχαῖοι πολιτικῶς ἐποίουν λέγοντας, οἱ δὲ νῦν ῥητορικῶς. (*Poética* 1450b5-8).

literários é o nascimento do romance. São obras escritas em prosa que coroaram ainda mais a utilização não só de novos recursos literários, mas também de recursos retóricos.

Para discutirmos esse longo panorama, abrimos o presente dossiê com o artigo de Mateus Dagios, sob o título “Persuadindo e Ensinando Neoptólemo: a retórica de Odisseu no prólogo do *Filoctetes* de Sófocles”. Na primeira parte do artigo, o autor explora a *métis*, comumente traduzida por “astúcia”, como o componente central nos discursos de Odisseu. Demonstra que ela funciona como um elemento estruturador e mediador do discurso para que este alcance sua finalidade, a persuasão. Na segunda parte, ressalta o autor a oposição entre a força física e a força do *lógos*. O uso do argumento, ao invés da violência, para persuadir toma contornos educacionais para o personagem Neoptólemo. Aliás, é nesse embate que Odisseu parece mimetizar a figura do sofista face à pedagogia assumida em relação ao filho de Aquiles, como pontua o autor. Percebe-se, então, a dinâmica dos prólogos nas peças de Sófocles que, ao imprimir fortes caracteres iniciais às personagens, cria condições para o surgimento de conflitos no desenrolar do enredo. O discurso de cada personagem é a medida desse mundo mitológico atualizado. Por fim, para o autor, “o *Filoctetes* de Sófocles é uma peça central para acompanhar a importância da retórica e o que poderíamos chamar de uma revisão de paradigmas na educação ateniense.”

Em “Usos da Comédia Ática pelos Sofistas Imperiais”, Bárbara da Costa e Silva, em sentido inverso, demonstra como o teatro cômico do Período Clássico influencia os oradores do Período Imperial. Oradores como Luciano, Díon Crisóstomo, Favorino e Corício, afirma a autora, empregaram passagens extraídas da Comédia Ática que podem revelar desde uma expressão cômica transplantada para um discurso até uma demonstração de eruditismo. Os expedientes empregados pelos oradores “vão da adoção de uma *persona* que escarnece da audiência à moda da comédia antiga por parte do orador até citações diretas a personagens retiradas das comédias e a poetas específicos”. O artigo revela, nesse sentido, em que medida a literatura invade as práticas retóricas do Império, tornando outros gêneros discursivos mais complexos e efetivos na comunicação com sua audiência. É a *mimesis* literária que se desloca de sua região de atuação natural para fertilizar o campo da retórica.

Ainda em Roma, a influência da escola estoica é atestada pelos autores Willy Paredes Soares e Jaynoã Fernando Silva Lopes no artigo “Retórica e Teônimos em *De Natura Deorum*, II”. A mencionada obra de Cícero, escrita como um diálogo entre personagens, revela através de seus discursos estratégias retóricas de convencimento. Os autores do artigo centram sua análise no discurso da personagem Balbo, que emprega, para além dos preceitos retóricos da

inventio, uma estruturação discursiva baseada na *dispositio*. Note-se que, se a retórica é a forma empregada por Cícero, o diálogo por si só aponta, como gênero, para a literatura filosófica. Assim, esse artigo contempla em suas explicações três áreas que Cícero não descurara, a filosofia, a retórica e a literatura.

Ainda nesse mesmo período, passamos da filosofia para as relações entre história e retórica. Priscilla Adriane Ferreira Almeida, em seu artigo “Tito Lívio e a Caracterização do Gaulês como o Inimigo em *Ab Vrbe Condita* (VII, 9-10, 26; XXXVIII, 17)”, explora sobretudo “como Lívio construiu a imagem dos gauleses como inimigos de Roma”. Do ponto de vista do recurso utilizado pelo historiador, é preciso afirmar que, se a caracterização é sem sombra de dúvida um elemento literário, é inegável também que foi um artifício retórico, conhecido como *ethopeia*. A finalidade deste recurso era tanto a de produzir personagens verossímeis quanto a de delinear um orador crível, ou mesmo um oponente. É por essas vias que Priscilla, a autora do artigo, tece uma análise “sobre os estereótipos, vocábulos e clichês empregados por Lívio, e de como ele manipulou esses elementos de modo a não só retratar os gauleses como inimigos, mas também como inferiores aos romanos”. Com o intuito de produzir uma imagem clara e convincente do gaulês ao público romano, Tito Lívio, através de “*tópoi* recorrentes”, amplifica a técnica de caracterização, aplicada a personagens singulares, para produzir a “imagem” de uma nação, sobretudo inimiga.

Em seguida, adentrando à era do imperador Adriano, no século II de nossa era, mergulhamos em um gênero muito específico da retórica latina, a declamação. Jefferson Silva Pontes e Charlene Martins Miotti nos apresentam uma reflexão sobre a paremiologia em três declamações de Calpúrnio Flaco. Assim, através de uma base teórica que contempla o uso de provérbios e sentenças na literatura, os autores investigam a utilização dessa mesma ferramenta nas declamações. Elencam os autores como objetivo de seu trabalho a discussão sobre os efeitos persuasivos que o expediente produz. Deduzem, por fim, que “o uso desse artifício como ornamentação ajuda a fortalecer e a potencializar o debate, apelando para a memória coletiva da audiência e para o processo de reconhecimento que fortalece a identificação do público com o orador, ou a terminar um argumento com um ponto epigramático, além de melhorar o efeito patético do discurso e o engajamento do público com a causa.”

Por fim, cobrindo dois autores que distam entre si dezesseis séculos, Luiza Helena Carvalho e Leni Ribeiro Leite, no artigo “Como se despedir: Teoria e Prática Epidíctica nos *Propemptiká* de Estácio (*Silv.* 3.2) e Quevedo (*Silva Quinta*)”, demonstram como um recurso retórico sobreviveu todo este tempo como *tópos* na literatura. Mais especificamente: a partir

das subdivisões do gênero epidítico de Menandro Rhetor, as autoras investigam como o discurso de despedida, *propemptiká*, ultrapassou a retórica para se alojar na literatura como recurso poético manifesto. No entanto, apesar da utilização do mesmo expediente, as autoras concluem que “para alcançar o fim desejado, Quevedo utiliza o *propemptikón*, seguindo os elementos da poesia lírica próprios da temática de despedida, como fizeram, por exemplo, Horácio e Estácio, mas a resignificação dessa ocasião específica e, conseqüentemente, da composição poética, que tem fins diferentes dos modelos, bem como se apropria de elementos distintos, marca a recepção da silva na modernidade”. Por fim, pode-se afirmar mais uma vez que as autoras comprovam, neste dossiê, que retórica e literatura andaram, ao longo dos séculos, lado a lado como faces de uma mesma moeda.

Finalmente, em nossa Sessão de Tradução, apresentamos o trabalho de Maria Aparecida de Oliveira Silva: “Plutarco: Antigos Hábitos dos Lacedemônios”. Trata-se da tradução de *Tà παλαιά τῶν Λακεδαιμονίων ἐπιτηδεύματα*, um anedotário com ditos e episódios de um período em que a cidade de Esparta vivia sob as leis de Licurgo, o antigo legislador lacedemônio. O pequeno tratado de Plutarco revela como o historiador utiliza suas fontes, já que estas podem ser atestadas graças à sobrevivência das obras a que ela faz referência. O curioso tratado também difunde não só aspectos relevantes sobre um momento áureo de Esparta, mas sobretudo a habilidade do autor em revisitar a tradição sem abandonar seu estilo de composição.

Desejamos a todos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

- ARISTOTE. *Poétique*; texte établi et traduit par J.Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
 PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

João Pessoa, 16 de junho de 2020

Marco Valério Classe Colonnelli (UFPB)
 Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda (UFRJ)
 (Organizadores do Dossiê)